



Vista noturna da cidade de Hong Kong, na China: país manifestou intenção de renovar políticas de eficiência energética

China e Índia fazem demanda mundial de energia disparar 40%

O mundo vai assistir a um aumento dramático do consumo de energia até 2030, em grande parte devido ao crescimento das grandes economias em ascensão

TEXTO **BÁRBARA SILVA**

Até 2030, o consumo de energia a nível mundial vai sofrer um aumento dramático de 40%. O preço a pagar, garante a Agência Internacional de Energia (AIE) no “World Energy Outlook”, é que sem uma mudança nas atuais políticas energéticas irá registrar-se um aumento de seis graus na temperatura média mundial. A solução é apostar em energias renováveis, que deverão registrar um aumento de 22% até 2030. O relatório da agência sublinha que os dois maiores países emergentes, China e Índia, serão responsáveis por mais da metade do aumento do consumo energético no mundo, já que é impossível dissociar o crescimento econômico de uma maior procura de energia. Aqui, a China bate todos os recordes. Só em 2010, o gigante asiático conseguiu ultrapassar o Japão e tornar-se a segunda maior economia mundial, atrás dos Estados Unidos. O Banco Mundial prevê que a China possa chegar ao posto de economia número um em 2025.

Mais rápida foi a sua chegada ao primeiro lugar do pódio no consumo de energia, que era ocupado pelos EUA há mais de um século. Em pleno cenário de recessão mundial, em 2009 a China consumiu 2,252 milhões de toneladas de petróleo e combustíveis equi-

valentes, enquanto os EUA ficaram 4% abaixo, com 2,170 milhões de toneladas.

Essa ultrapassagem só era esperada por volta de 2015. Em Pequim, o diretor da Administração Nacional de Energia, Zhou Xian, apressou-se a sublinhar os esforços para reduzir o consumo de energia e optar por fontes renováveis. O economista-chefe da AIE, Fatih Birol, diz que se a China implementar as políticas de “clean energy” anunciadas recentemente no valor de 520 mil milhões de euros, poderá de fato abrandar o consumo de energia. O problema, dizem os analistas, é que ao tornar-se o maior consumidor mundial, a China passará a ditar as regras do uso de energia em uma escala global, desde os modelos de automóveis comercializados aos tipos de centrais energéticas construídas, determinando os padrões de consumo de energia para muito além das suas fronteiras. “Haverá um grande efeito multiplicador”, garante Fatih Birol.

Neste momento, a China já é o maior consumidor mundial de carvão, fonte de energia da qual depende em 70%. Apesar das enormes reservas internas, este ano a China poderá importar até 115 milhões de toneladas de carvão, sendo que há apenas três anos o país exportava o produto. A mesma tendência tem sido verificada em rela-

CONSUMO

40%

É o aumento do consumo de energia no mundo até 2030, de acordo com o “World Energy Outlook”, da Agência Internacional de Energia.

CHINA

2,2 bilhões

É a quantidade, em toneladas de petróleo e combustíveis equivalentes, que a China consumiu ao longo do ano passado.

ção ao petróleo: em 2025, Pequim poderá ultrapassar Washington como o maior comprador de petróleo e gás natural, com a Índia bem posicionada para subir ao terceiro lugar e ultrapassar o Japão. Quem ganha são os países produtores, cujas receitas irão aumentar 22,5 bilhões de euros até 2030. Apesar de todos reconhecerem a importância das energias renováveis, o relatório da AIE diz que os combustíveis fósseis continuarão a ser as principais fontes de energia, ocupando 77% do aumento da demanda até 2030. A demanda por petróleo vai aumentar 24% (para 105 milhões de barris), a por carvão 53% e a por gás natural 42%.

Maior poluidor mundial, a China anunciou na Cimeira de Copenhague, há quase um ano, a sua vontade de implementar novas políticas de eficiência energética e diminuir as emissões de dióxido de carbono em 45% até 2020, e que pelo menos 20% da energia provenha de fontes renováveis. A AIE diz que das 11 giga toneladas de dióxido de carbono lançadas a mais na atmosfera em 2030, seis giga toneladas serão responsabilidade da China. Apesar dos vultuosos investimentos em tecnologias “verdes” (1,1 mil milhões de euros em cinco anos), continua a ser difícil para a China conseguir que a sua economia se torne eficiente.